



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

WEVELLYN KETHELYN PINHEIRO LOBATO

A AFETIVIDADE NAS INTERAÇÕES COMUNICATIVAS EM LIBRAS NO
CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

ABAETETUBA
2026

WEVELLYN KETHELYN PINHEIRO LOBATO

A AFETIVIDADE NAS INTERAÇÕES COMUNICATIVAS EM LIBRAS NO
CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Ciências da Linguagem, do
Campus Universitário de Abaetetuba, da
Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciada
em Letras, habilitação Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Raimunda Dias Duarte

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Camille Cardoso
Miranda

ABAETETUBA
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L796a Lobato, Wevellyn Kethelyn Pinheiro.

A afetividade nas interações comunicativas em Libras no contexto universitário / Wevellyn Kethelyn Pinheiro Lobato. — 2026.

41 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Raimunda Dias Duarte

Coorientação: Prof^a. Dra. Camille Cardoso Miranda

Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Educação do
Campo, Abaetetuba, 2026.

1. Libras. 2. Afetividade. 3. Pragmática Afetiva . 4.
Inclusão . 5. Ensino Superior . I. Título.

CDD 419.03

Wevellyn Kethelyn Pinheiro Lobato

**A AFETIVIDADE NAS INTERAÇÕES COMUNICATIVAS EM LIBRAS NO
CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Ciências da Linguagem, do
Campus Universitário de Abaetetuba, da
Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciada
em Letras, habilitação Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raimunda Dias Duarte

Coorientadora: Prof.^a. Dr.^a. Camille Cardoso
Miranda

Data da aprovação: 22 /07/ 2026

Conceito: Excelente

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Raimunda Dias Duarte – UFPA

Coorientadora

Prof.^a. Dr.^a Camille Cardoso Miranda- UFOPA

Examinadora externa

Prof.^a. Ma. Maria Madalena Silva da Silva

Dedico este trabalho aos meus pais e avós, por todo amor, apoio e por serem minha base em cada etapa dessa caminhada. Esta conquista também é de vocês.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui representa a realização de um sonho construído com muito esforço, dedicação e apoio de pessoas especiais que fizeram parte dessa caminhada.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, coragem e sabedoria para enfrentar cada desafio encontrado ao longo dessa trajetória, iluminando meus caminhos e permitindo que eu chegasse até este momento tão importante.

Aos meus avós, Maria do Socorro e Raimundo, minha eterna gratidão por serem minha base, meu porto seguro e por todo amor, incentivo e dedicação. Obrigada por acreditarem em mim, por cada ensinamento e por nunca medirem esforços para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

Aos meus pais, Evandro e Edna, agradeço pelo carinho, pelos conselhos e por todo apoio que sempre fizeram parte da minha história. Vocês representam amor, força e inspiração na minha caminhada.

Aos meus irmãos, Emilly, Elida, Wenke e Luan, agradeço pela parceria, pelo carinho e por estarem presentes nos momentos importantes da minha vida. Cada um de vocês faz parte dessa conquista.

Ao meu namorado, Rafael, agradeço pelo companheirismo, pelo apoio, pela compreensão e por caminhar comigo durante essa etapa, tornando os desafios mais leves e os momentos de conquista ainda mais especiais.

À minha tia Ana e às minhas primas Esthefany e Esther, minha gratidão pelo carinho, incentivo e por fazerem parte dessa trajetória com tanto afeto e apoio.

Aos meus professores, que contribuíram de forma significativa para minha formação, agradeço pelos ensinamentos, pela dedicação e por fazerem parte da profissional e da pessoa que estou me tornando.

À minha orientadora e coorientadora, minha sincera gratidão pela paciência, pelo cuidado e por compartilharem seus conhecimentos comigo. A orientação de vocês foi fundamental para que este trabalho se tornasse realidade.

Aos amigos da turma de Letras 2021 e a todos que caminharam comigo durante essa jornada, obrigada pelo apoio, pelas palavras de incentivo e por tornarem essa etapa mais única. Em especial, à minha amiga Daiana, minha dupla e parceira na faculdade, agradeço pelo companheirismo, apoio e por compartilhar comigo os desafios e conquistas dessa caminhada.

Este trabalho representa não apenas conhecimento, mas também histórias, desafios, aprendizados e a contribuição de todos que fizeram parte dessa conquista. A cada um de vocês, minha eterna gratidão.

RESUMO

A comunicação em Libras no contexto universitário é fundamental para a participação acadêmica, social e cultural de estudantes surdos, pois influencia aprendizagem, pertencimento e construção de vínculos. Compreender a manifestação da afetividade nessas interações é essencial para refletir sobre práticas pedagógicas inclusivas e condições que favoreçam a permanência da comunidade surda no ensino superior. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo investigar como a afetividade se manifesta nas interações comunicativas mediadas pela Libras em sala de aula universitária e de que maneira essas manifestações influenciam as relações pedagógicas, a participação e a inclusão de estudantes surdos. A relevância do estudo está na necessidade de ampliar as discussões sobre acessibilidade linguística e inclusão acadêmica, considerando a Libras como uma língua visual-espacial constituída por recursos manuais e não manuais, como expressões faciais, movimentos corporais e elementos expressivos responsáveis pela construção de sentidos nas interações. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem descritivo-interpretativista, desenvolvida a partir de um estudo de caso único, realizado com um graduando do curso de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Abaetetuba. A fundamentação teórica articula os estudos da Pragmática e das relações sociointeracionais da linguagem, com base em Soares (2024), compreendendo a linguagem como prática social situada. Para discutir a relação entre afetividade e processos educativos, dialoga-se com Rodrigues et al. (2021) e Medeiros (2017); para análise dos recursos expressivos da Libras e das marcações não manuais utilizam-se Gomes (2018) e Almeida (2010); as manifestações emocionais presentes nas interações sociais são fundamentadas na Pragmática Afetiva de Scarantino (2017); e as discussões sobre mediação pedagógica, ensino de segunda língua e relações na comunidade surda são sustentadas por Dias (2014), Souza et al. (2021) e Ferreira (2010). A produção dos dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada com registro audiovisual, diário de campo e protocolo de indicadores afetivos, considerando os aspectos linguísticos, corporais e contextuais presentes nas interações em Libras. Os resultados apontam que a afetividade exerce papel significativo na comunicação e nas relações estabelecidas no ambiente universitário, contribuindo para a construção de vínculos e maior participação acadêmica do estudante surdo. Quanto aos tipos de afetividade que se sobressaíram nas interações analisadas, observou-se um duplo movimento. No polo positivo, destacaram-se o acolhimento institucional e interpessoal, o reconhecimento da língua e da cultura surda como legítimas, e a valorização da identidade do estudante. Esses elementos atuaram como facilitadores da comunicação e do pertencimento. Em contrapartida, no polo negativo, predominaram sentimentos de exclusão, manifestada em dinâmicas de grupo e materiais inacessíveis, desmotivação diante de práticas pedagógicas que ignoram suas especificidades, e insegurança quanto à própria participação e compreensão dos conteúdos. Tais afetividades negativas revelam barreiras atitudinais que, embora não intencionais, comprometem a trajetória acadêmica do estudante. Assim, a pesquisa contribui para ampliar as reflexões sobre inclusão no ensino superior, destacando a importância de ambientes acadêmicos que valorizem a Libras e as especificidades socioculturais da comunidade surda.

Palavras-chave: Libras; Afetividade; Pragmática Afetiva; Inclusão; Ensino Superior.

ABSTRACT

Communication in Brazilian Sign Language (Libras) within higher education is essential for the academic, social, and cultural participation of deaf students, as it directly influences learning, a sense of belonging, and the development of interpersonal relationships. Understanding how affectivity is expressed in these interactions is crucial for reflecting on inclusive pedagogical practices and on the conditions that foster the retention of deaf students in higher education. Accordingly, this study aims to investigate how affectivity is manifested in communicative interactions mediated by Libras in university classrooms and how these manifestations influence pedagogical relationships, student participation, and the inclusion of deaf students. The relevance of this study lies in the need to broaden discussions on linguistic accessibility and academic inclusion by recognizing Libras as a visual-spatial language composed of manual and non-manual features, including facial expressions, body movements, and other expressive resources that contribute to meaning-making in interaction. This qualitative study adopts a descriptive-interpretive approach and is based on a single-case study conducted with an undergraduate student enrolled in the Language and Literature (Letras) program at the Federal University of Pará (UFPA), Abaetetuba Campus, Brazil. The theoretical framework draws on Pragmatics and socio-interactional approaches to language, based on Soares (2024), which conceptualize language as a situated social practice. Discussions on the relationship between affectivity and educational processes are supported by Rodrigues et al. (2021) and Medeiros (2017). The analysis of the expressive resources of Libras and non-manual markers is grounded in Gomes (2018) and Almeida (2010). Emotional manifestations in social interaction are examined through Scarantino's (2017) framework of Affective Pragmatics, while pedagogical mediation, second-language teaching, and relationships within the deaf community are discussed based on Dias (2014), Souza et al. (2021), and Ferreira (2010). Data were collected through a semi-structured interview with audiovisual recording, field notes, and an affective indicators protocol, considering the linguistic, bodily, and contextual dimensions of interactions in Libras. The findings indicate that affectivity plays a significant role in communication and in the relationships established within the university environment, contributing to stronger interpersonal bonds and greater academic engagement by the deaf student. Two distinct patterns of affectivity emerged from the analysis. On the positive side, institutional and interpersonal support, recognition of Libras and Deaf culture as legitimate, and appreciation of the student's identity promoted communication, participation, and a sense of belonging. Conversely, negative affective experiences included feelings of exclusion arising from group dynamics and inaccessible teaching materials, demotivation caused by pedagogical practices that overlooked the student's specific needs, and insecurity regarding participation and content comprehension. These negative experiences reveal attitudinal barriers that, although often unintentional, may hinder the student's academic trajectory. Overall, this study contributes to ongoing discussions on inclusion in higher education by emphasizing the importance of academic environments that value Libras and acknowledge the sociocultural specificities of the Deaf community.

Keywords: Libras; Affectivity; Affective Pragmatics; Inclusion; Higher Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	AFETIVIDADE, LIBRAS E RELAÇÕES PEDAGÓGICAS NO ENSINO SUPERIOR	13
3	METODOLOGIA	18
4	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	21
4.1	Relação com professores e experiências de ensino-aprendizagem: afetividade, comunicação e barreiras na interação docente	22
4.2	Relação com os colegas de turma: interação, pertencimento e manifestações de afetividade positiva	25
4.3	Comunicação e afetividades em Libras: percepção da intencionalidade e construção dos sentidos na interação	27
4.3.1	Participação e aprendizagem: desafios linguísticos, estratégias de permanência e construção da autonomia	29
4.3.2	Intérprete de Libras e mediação comunicativa: acessibilidade, segurança e permanência acadêmica	30
4.3.3	Inclusão e permanência no ensino superior: afetividade, reconhecimento e construção da trajetória acadêmica	33
4.3.4	Síntese analítica das categorias e representação gráfica dos resultados	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

A educação de pessoas surdas no Brasil tem passado por importantes transformações ao longo das últimas décadas, especialmente a partir do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, posteriormente regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Esses marcos legais representaram avanços significativos na garantia dos direitos linguísticos da comunidade surda, promovendo o acesso à educação, à informação e aos serviços públicos por meio de uma perspectiva mais inclusiva e bilíngue.

Nesse contexto, a Libras passou a ser reconhecida como primeira língua das pessoas surdas, enquanto a língua portuguesa, na modalidade escrita, passou a ser compreendida como segunda língua. Tal concepção contribuiu para o fortalecimento de políticas educacionais voltadas à valorização da identidade, da cultura e das especificidades linguísticas da comunidade surda. Como consequência, ampliaram-se as discussões acerca da necessidade de práticas pedagógicas que considerem as particularidades linguísticas e socioculturais desses estudantes, promovendo condições mais equitativas de aprendizagem. Nesse cenário, a linguagem deixa de ser entendida apenas como um instrumento de transmissão de conteúdos e passa a ser concebida como elemento central na construção das relações sociais, na produção de sentidos e na participação efetiva do aluno surdo no ambiente escolar.

No âmbito dos estudos linguísticos, destaca-se a Pragmática, área que concebe a linguagem como uma forma de ação social realizada nas interações entre os sujeitos. Nessa perspectiva, a construção dos sentidos não ocorre apenas por meio das palavras ou dos sinais empregados, mas também a partir de diferentes recursos expressivos e contextuais que orientam a comunicação e organizam as relações entre os interlocutores. Assim, a Pragmática dedica-se à compreensão do uso da linguagem em situações concretas de interação, considerando não apenas os enunciados produzidos, mas também os participantes envolvidos e o contexto em que a comunicação ocorre. Conforme afirma Soares, “tal área do conhecimento estuda o contexto e os usos que os indivíduos realizam na interação, em um evento comunicativo. Portanto, a Pragmática se debruça no uso, mas também no usuário e no contexto sócio-interacional” (Soares, 2024, p. 44).

Sob essa perspectiva, compreender os processos comunicativos de pessoas surdas implica considerar não apenas os aspectos estruturais da Libras, mas também os recursos pragmáticos mobilizados durante as interações, os quais contribuem para a construção dos sentidos e para a efetividade da comunicação. Entre esses recursos, destaca-se a afetividade,

entendida como um elemento fundamental nas relações interpessoais, capaz de influenciar a produção, a interpretação e a negociação de sentidos nos contextos comunicativos.

A dimensão afetiva destaca-se nas interações pedagógicas, especialmente por influenciar a forma como os estudantes se relacionam com os processos de ensino e aprendizagem. Aspectos como segurança comunicativa, reconhecimento da identidade linguística e estabelecimento de vínculos no ambiente escolar favorecem a participação ativa dos alunos nas atividades educativas. Em contrapartida, quando esses elementos não são considerados, pode ocorrer o distanciamento do estudante surdo das práticas escolares, comprometendo seu engajamento e desenvolvimento acadêmico. Nessa perspectiva, Rodrigues, Blaszkó e Ujiie (2021) afirmam que a afetividade, quando estimulada de forma positiva, atua como agente modificador no processo educativo, tornando as atividades mais significativas, motivadoras e prazerosas para a aprendizagem.

No caso da Libras, cuja modalidade é visuo-espacial, esses elementos tornam-se ainda mais evidentes. Expressões faciais, movimentos corporais e outras marcações não manuais integram o funcionamento da língua e participam diretamente da construção do significado durante a interação. Dessa forma, a afetividade não aparece apenas como um aspecto externo ao processo comunicativo, mas como parte integrante da produção de sentidos nas interações mediadas pela língua de sinais.

Além disso, nas interações mediadas pela Libras, destacam-se aspectos paralinguísticos e cinésicos que contribuem significativamente para a construção dos sentidos. Elementos como ritmo, pausas e intensidade atuam na modulação da comunicação, enquanto gestos, expressões faciais e movimentos corporais constituem recursos fundamentais da modalidade visuo-espacial. Tais elementos ampliam a expressividade da linguagem e favorecem a compreensão entre os interlocutores, desempenhando papel central na efetividade da comunicação. No contexto educacional, esses recursos também possibilitam a manifestação de aspectos afetivos, contribuindo para o estabelecimento de vínculos, para o engajamento dos estudantes e para a construção de um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e inclusivo.

Ao analisar a literatura especializada sobre o tema, observa-se que diferentes autores como Medeiros (2017), Rodrigues et al. (2021), Scarantino (2017) e Dias (2014) têm destacado a relevância da afetividade nos processos de ensino e aprendizagem, especialmente em contextos educacionais que envolvem a diversidade linguística e cultural. Embora partam de perspectivas teóricas distintas, esses estudos convergem ao reconhecer que os aspectos afetivos influenciam o desenvolvimento cognitivo, a participação dos estudantes e a construção de relações significativas no ambiente escolar.

Nesse sentido, o interesse por esta pesquisa surgiu ainda durante a graduação, a partir do contato com a temática da inclusão educacional. A atuação como bolsista na Divisão de Acessibilidade do Campus Universitário de Abaetetuba, bem como a convivência com um estudante surdo em sala de aula, contribuiu significativamente para a construção desse interesse e para a compreensão dos desafios relacionados à inclusão no contexto escolar. Diante desse cenário, a presente pesquisa busca discutir práticas pedagógicas que favoreçam a participação efetiva de estudantes surdos, considerando os desafios ainda presentes na promoção de interações de qualidade em sala de aula. Nessa perspectiva, a afetividade, compreendida como uma prática de acolhimento, reconhecimento e valorização do estudante como sujeito ativo do processo educativo, revela-se um elemento fundamental para o fortalecimento das relações pedagógicas. Além disso, ao estabelecer um diálogo entre os estudos da Pragmática e os recursos expressivos mobilizados na Libras, esta pesquisa pretende contribuir para a ampliação das reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem de estudantes surdos, oferecendo subsídios teóricos para os campos da Linguística e da Educação.

Diante dessas considerações, torna-se relevante compreender o papel da afetividade nas interações comunicativas mediadas pela Libras no contexto universitário, especialmente no que se refere às relações estabelecidas entre professores e estudantes surdos. Considerando que os processos de ensino e aprendizagem são permeados por aspectos linguísticos, sociais e emocionais, torna-se pertinente investigar como tais elementos podem contribuir para a participação e a inclusão desses estudantes no ambiente acadêmico. Partindo dessa problemática, formula-se a seguinte pergunta de pesquisa: *Como a afetividade se manifesta nas interações comunicativas em Libras na sala de aula universitária, influenciando as relações pedagógicas e a inclusão de estudantes surdos?*

Considerando a problemática apresentada, formulam-se as seguintes hipóteses para orientar a investigação:

- H1: A afetividade manifesta-se nas interações comunicativas em Libras por meio de recursos pragmáticos, como expressões faciais, movimentos corporais e sinais que expressam acolhimento, incentivo, reconhecimento e aproximação entre os interlocutores.
- H2: As manifestações afetivas presentes nas interações em sala de aula favorecem o engajamento e a participação dos estudantes surdos nas atividades acadêmicas, contribuindo para processos de aprendizagem mais significativos.

- H3: A presença de relações afetivas positivas entre docentes, intérpretes e estudantes surdos contribui para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo, reduzindo barreiras atitudinais e comunicativas.
- H4: O reconhecimento da identidade linguística e cultural dos estudantes surdos, associado ao uso da Libras nas interações pedagógicas, favorece a permanência e o sucesso acadêmico desses estudantes no ensino superior.
- H5: Os recursos expressivos da Libras desempenham papel relevante na manifestação da afetividade, influenciando a qualidade das relações pedagógicas estabelecidas no contexto universitário.

Diante disso, este estudo tem como objetivo geral analisar as manifestações da afetividade nas interações comunicativas mediadas pela Libras em sala de aula universitária e seus impactos nas relações pedagógicas e na inclusão de estudantes surdos. Para alcançar esse objetivo, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar os principais sinais e recursos visuoespaciais da Libras utilizados por professores, intérpretes e pares ouvintes que expressam ou mobilizam afetividade no ambiente acadêmico;
- Analisar como estudantes surdos percebem e atribuem sentido às manifestações afetivas presentes nas interações comunicativas em Libras;
- Descrever os efeitos da afetividade comunicativa sobre a participação, a motivação e a aprendizagem de estudantes surdos no ensino superior;
- Compreender de que forma as relações afetivas mediadas pela Libras contribuem para a permanência, a participação e a inclusão de estudantes surdos na universidade.

Assim sendo, espera-se que esta pesquisa contribua para a ampliação das discussões acerca da educação de estudantes surdos no ensino superior, especialmente no que se refere ao papel da afetividade nas interações comunicativas mediadas pela Libras. Os resultados obtidos poderão proporcionar uma melhor compreensão das relações estabelecidas entre estudantes surdos, docentes e intérpretes no contexto universitário, evidenciando a importância dos aspectos afetivos para a participação, a permanência e o sucesso acadêmico desses estudantes.

Além disso, o estudo pretende oferecer subsídios teóricos e práticos para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais inclusivas, que valorizem as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda e promovam ambientes educacionais mais acolhedores e equitativos. Para tanto, serão utilizados questionários e entrevistas como instrumentos de geração de dados, possibilitando a compreensão das percepções e experiências

dos participantes acerca das manifestações de afetividade nas interações comunicativas mediadas pela Libras.

Além desta introdução, o presente trabalho está organizado em quatro seções. A segunda seção apresenta o referencial teórico que fundamenta a pesquisa. A terceira descreve os procedimentos metodológicos adotados para a geração e análise dos dados. A quarta seção é dedicada à apresentação e discussão dos resultados obtidos. Por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais são retomados os principais achados da pesquisa e suas contribuições para os estudos sobre afetividade, Libras e educação de surdos.

2. AFETIVIDADE, LIBRAS E RELAÇÕES PEDAGÓGICAS NO ENSINO SUPERIOR

A promoção da acessibilidade no ensino superior é um dos principais desafios para a efetivação da educação inclusiva, especialmente no que se refere aos estudantes surdos. Embora os avanços legais tenham ampliado o acesso desse público às instituições de ensino, a permanência e a participação efetiva ainda dependem da eliminação de barreiras comunicacionais e da garantia da acessibilidade linguística. Conforme Sassaki (2009), a acessibilidade compreende diferentes dimensões, entre elas a comunicacional, que assegura o direito de acesso à informação e à interação em condições de igualdade. No caso das pessoas surdas, essa dimensão concretiza-se, sobretudo, por meio da utilização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de instrução e de comunicação, possibilitando não apenas o acesso aos conteúdos acadêmicos, mas também o desenvolvimento de relações interpessoais e pedagógicas pautadas no diálogo, na participação e na inclusão.

A Libras, instituída legalmente como meio de comunicação e expressão da comunidade surda, organiza-se por meio de parâmetros manuais e não manuais que atuam conjuntamente na construção dos sentidos. Entre estes, destacam-se as expressões faciais e os movimentos corporais, que não constituem meros elementos acessórios da comunicação, mas componentes linguísticos fundamentais para a estruturação dos enunciados. Gomes (2018) ressalta que, no contexto educacional, as marcações não manuais desempenham papel essencial nas interações em Libras, uma vez que veiculam informações gramaticais, como negação, intensidade e interrogatividade, além de expressarem emoções, intenções e atitudes dos interlocutores. Dessa forma, esses recursos assumem relevância não apenas para a organização linguística da mensagem, mas também para a manifestação da afetividade, contribuindo para o estabelecimento de vínculos e para a construção de interações pedagógicas mais significativas.

Ao transpor essa discussão para o contexto da sala de aula, observa-se que as interações entre professores e estudantes, bem como entre os próprios alunos, são permeadas por constantes trocas afetivas que influenciam os processos de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Medeiros (2017) destaca que a afetividade na relação professor-aluno não constitui um elemento periférico, mas um fator central para a construção do conhecimento, uma vez que “[...] é através dessa relação que professor e aluno interagem e definem seu papel nesse processo, trocando experiências, dificuldades e conquistas” (Medeiros, 2017, p. 1174). Segundo a autora, ambientes educacionais que desconsideram as dimensões afetivas tendem a produzir barreiras à comunicação, à participação e ao engajamento dos estudantes. Tal cenário torna-se ainda mais significativo quando se trata de alunos surdos, cujas trajetórias educacionais são frequentemente marcadas por desafios relacionados ao acesso linguístico, ao reconhecimento de sua identidade cultural e à efetiva inclusão nos espaços escolares.

Nesse sentido, as atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula precisam ser concebidas não apenas como exercícios linguísticos, mas também como espaços de interação e construção de vínculos afetivos. Rodrigues et al. (2021) argumentam que a afetividade nas relações entre professor e aluno, bem como entre os próprios estudantes, atua como mediadora da aprendizagem, uma vez que o sentimento de acolhimento e segurança emocional favorece o engajamento, a participação e a construção do conhecimento. Desse modo, o autor ainda destaca:

o afeto é propulsor e motivador de novas aprendizagens, o qual apresenta articulação com o desenvolvimento cognitivo, visto que o sujeito motivado possui mais segurança em buscar conhecimentos e consequentemente passa a aprender com maior facilidade, o que acaba refletindo na expansão dos saberes e do desenvolvimento cognitivo. (Rodrigues et al., 2021, p. 66)

Assim sendo, a dimensão afetiva constitui um elemento relevante para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas, capazes de promover a participação efetiva dos estudantes surdos e fortalecer suas experiências de aprendizagem no contexto educacional. Em salas de aula que contam com a presença de estudantes surdos, isso implica reconhecer que os recursos expressivos da Libras desempenham papel fundamental não apenas na transmissão de conteúdos, mas também na construção de vínculos interpessoais. Nesse contexto, expressões faciais, movimentos corporais e demais marcações não manuais, descritos por Gomes (2018), podem ser mobilizados para comunicar encorajamento, aprovação, interesse e empatia. Um sorriso acompanhado de um sinal de aprovação ou uma expressão facial que demonstre reconhecimento diante de uma resposta adequada, por exemplo, ultrapassa a função

meramente informativa da linguagem e assume um papel afetivo na interação pedagógica, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos entre professor e estudante.

A Teoria da Pragmática Afetiva, proposta por Scarantino (2017), oferece um referencial relevante para a compreensão desse fenômeno. Segundo o autor, as expressões emocionais não constituem apenas manifestações internas de sentimentos, mas funcionam como sinais comunicativos capazes de orientar comportamentos e produzir efeitos sociais específicos. Nessa perspectiva, recursos como sorrisos, olhares, expressões de aprovação ou de incentivo podem ser compreendidos como atos comunicativos que influenciam a dinâmica das interações sociais. Aplicada ao contexto educacional, essa abordagem permite compreender como as manifestações afetivas presentes nas interações mediadas pela Libras podem favorecer o engajamento, a participação e o sentimento de pertencimento dos estudantes surdos no ambiente acadêmico.

No contexto da sala de aula inclusiva, em que o estudante surdo aprende o Português escrito como segunda língua, a interação afetiva do professor desempenha papel importante no processo de aprendizagem. Mesmo quando o docente não é fluente em Libras, ele pode utilizar expressões faciais de acolhimento, gestos de incentivo e recursos visuais ao corrigir produções do aluno, sinalizando que o erro faz parte do processo de aprendizagem. Essa postura contribui para reduzir a ansiedade e favorecer a participação do estudante. Conforme argumenta Scarantino (2017), as expressões emocionais desempenham funções sociais específicas, orientando comportamentos, regulando interações e promovendo formas de cooperação entre os indivíduos. No ambiente educacional, esses recursos podem contribuir para a criação de um clima de confiança e segurança, favorecendo o envolvimento dos estudantes nas atividades propostas.

Nessa perspectiva, Dias (2014), ao investigar o papel da afetividade no ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para estudantes surdos, destaca que a valorização da Libras e a adoção de posturas afetivas por parte do professor favorecem a participação ativa dos alunos, reduzem sentimentos de isolamento e contribuem para o fortalecimento de sua identidade linguística e cultural. Tais aspectos reforçam a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a centralidade da língua de sinais nos processos de ensino e aprendizagem. Além das relações estabelecidas entre professores e estudantes, a afetividade também se manifesta nas interações entre os próprios alunos surdos. Em atividades realizadas em duplas ou grupos, as expressões não manuais desempenham funções essenciais na organização da comunicação, atuando como marcadores de turno, concordância, dúvida, apoio ou incentivo. Nesses contextos, um olhar atento, um aceno de cabeça ou uma expressão facial de

encorajamento associada a um determinado sinal podem funcionar como recursos pragmáticos que sustentam a interação e fortalecem a cooperação entre os participantes. Sob a ótica da Pragmática Afetiva, tais manifestações não apenas regulam a dinâmica comunicativa, mas também contribuem para a construção de vínculos, para o compartilhamento de experiências e para a criação de um ambiente de aprendizagem mais participativo e acolhedor.

Do ponto de vista da mediação pedagógica, Souza, Santos e Almeida Júnior (2021), defendem que os valores pragmático, afetivo e simbólico devem ser incorporados de forma consciente às práticas educativas. No contexto do ensino de Libras, o valor afetivo manifesta-se na maneira como o professor estabelece relações com os estudantes, organiza o ambiente de aprendizagem, oferece feedback, acolhe as dificuldades e reconhece os avanços alcançados ao longo do processo educativo. O valor pragmático, por sua vez, refere-se ao uso da língua em situações reais de interação, possibilitando que os estudantes atribuam sentido às práticas comunicativas vivenciadas em sala de aula. Já o valor simbólico está relacionado ao reconhecimento da Libras como uma língua legítima e da cultura surda como parte constitutiva do espaço educacional.

Nessa perspectiva, a articulação entre esses três valores favorece a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e sensíveis às especificidades linguísticas e culturais dos estudantes surdos. Quando afetividade, uso significativo da língua e valorização da identidade surda atuam de forma integrada, criam-se condições mais favoráveis para a participação, o engajamento e a aprendizagem, fazendo com que a afetividade se constitua como um elemento concreto de mediação pedagógica, e não apenas como um princípio abstrato ou um discurso de inclusão.

Almeida (2010) esclarece que o afeto, no âmbito do Sistema de Avaliatividade, não se limita à experiência individual das emoções, mas refere-se às formas pelas quais elas são expressas e avaliadas por meio da linguagem. Segundo o autor, tais manifestações podem oscilar entre diferentes polos, como felicidade e infelicidade, segurança e insegurança, satisfação e insatisfação. No contexto das interações mediadas pela Libras, essas avaliações afetivas podem ser observadas por meio de recursos expressivos, especialmente das marcas não manuais que acompanham a produção dos sinais. Expressões faciais, direção do olhar e movimentos corporais podem comunicar acolhimento, aprovação, encorajamento ou, em sentido oposto, indicar dúvida, tensão ou desaprovação.

Nessa mesma direção, os estudos pragmáticos sobre a Libras desenvolvidos por Ferreira (2010) demonstram que as interações comunicativas mediadas pela língua de sinais são organizadas não apenas por parâmetros gramaticais, mas também por estratégias de polidez

que preservam a autoimagem dos interlocutores e expressam graus de intimidade e afetividade. Ao analisar os atos de pedidos em Libras, a autora observa que a Intimidade (I) entre os participantes revela-se “mais central do que o Poder e a Distância Social”, especialmente na comunidade surda brasileira, onde as diferenças de classe social são frequentemente neutralizadas em espaços de interação. Nesse viés,

A LIBRAS é usada pelos surdos brasileiros de diferentes idades e classes sociais, que se reúnem em determinados locais com fins de conversação e comunicação. A grande necessidade de interação linguística cria um tipo de hierarquia diferente dentro da comunidade surda, principalmente reduzindo o a relevância da Distância Social. Nesta comunidade, o Poder e a Intimidade são os fatores relevantes para a criação de grupos e subgrupos, e estas duas variáveis neutralizam o efeito da DS na estrutura da interação linguística. (Ferreira, 2010 p. 195).

Essa intimidade, compreendida como o grau de familiaridade, proximidade e camaradagem estabelecido entre os participantes de uma interação, influencia diretamente a escolha das estratégias comunicativas mobilizadas durante o processo de comunicação. Quando aplicada ao contexto educacional de estudantes surdos, essa perspectiva demonstra a importância de o professor utilizar, de forma consciente e intencional, recursos visuais e expressivos que favoreçam a construção de um ambiente acolhedor e propício à aprendizagem. Nesse sentido, expressões faciais, gestos de incentivo e demais elementos da comunicação visuo-espacial podem contribuir para o fortalecimento dos vínculos interpessoais, promovendo maior segurança, participação e engajamento dos estudantes nas atividades pedagógicas.

Além disso, Ferreira (2010) evidencia que recursos visuais e não manuais da Libras, como expressões faciais, alterações no parâmetro movimento, dêixis (apontamentos), contato visual e inclinações corporais, funcionam como estratégias sistemáticas de polidez e, consequentemente, como importantes manifestações de afetividade nas interações comunicativas. Ao analisar os atos de pedido em Libras, a autora destaca que “as expressões faciais são usadas com frequência, sistematicamente, para se atribuir força ilocucionária à sentença do pedido enunciado” (Ferreira, 2010, p. 196). Tal observação demonstra que esses recursos não atuam apenas como elementos complementares da comunicação, mas desempenham papel fundamental na construção dos sentidos e na regulação das interações interpessoais.

Nessa perspectiva, as marcas não manuais contribuem para modular a intenção comunicativa do sinalizante, expressando atitudes de respeito, cordialidade, consideração e sensibilidade em relação ao interlocutor. No contexto educacional, esses recursos assumem especial relevância, pois favorecem a construção de interações mais harmoniosas e

colaborativas entre professores e estudantes. Assim, ao mobilizar conscientemente tais estratégias, o docente não apenas promove a efetividade da comunicação, mas também fortalece vínculos afetivos que podem contribuir para a participação, o engajamento e a inclusão de estudantes surdos no processo de ensino e aprendizagem.

Desse modo, a afetividade na Libras materializa-se por meio de recursos linguísticos visuais que desempenham papel fundamental na construção e no fortalecimento das relações interpessoais, bem como na efetividade das interações comunicativas. Sob essa perspectiva, as normas de polidez, orientadas pelo grau de intimidade e pela natureza da relação estabelecida entre os interlocutores, evidenciam que expressões faciais, variações na intensidade e na suavidade dos movimentos, o gerenciamento do contato visual e as diferentes posturas corporais constituem importantes mecanismos pragmáticos. Tais recursos permitem não apenas adequar os enunciados às diferentes situações de interação, mas também expressar respeito, consideração, acolhimento e proximidade, contribuindo para a construção de relações comunicativas mais harmoniosas. No contexto educacional, esses elementos assumem especial relevância, uma vez que favorecem a criação de ambientes mais inclusivos e colaborativos, nos quais os estudantes surdos podem participar de forma mais segura e significativa.

Longe de constituírem elementos meramente acessórios da comunicação, esses recursos desempenham papel fundamental na construção e na expressão de afetividades positivas e negativas, influenciando a interpretação dos enunciados e a dinâmica das relações sociais estabelecidas por meio da Libras. Dessa forma, expressões faciais, movimentos corporais, contato visual e demais marcas não manuais atuam como importantes mecanismos pragmáticos, capazes de sinalizar acolhimento, empatia, aprovação, tensão ou distanciamento, contribuindo para a negociação de sentidos e para a construção dos vínculos entre os interlocutores.

Assim, seja na sala de aula ou nos demais espaços de convivência acadêmica, nos momentos formais de ensino ou nas interações cotidianas, a afetividade revela-se um elemento fundamental para que o estudante surdo se sinta acolhido, reconhecido e valorizado em sua singularidade linguística e cultural. Quando professores, intérpretes e colegas estabelecem relações pautadas pelo respeito, pela empatia e pelo reconhecimento mútuo, criam-se condições mais favoráveis para a participação, a socialização e a aprendizagem. Nesse contexto, o receio de errar tende a dar lugar à confiança necessária para interagir, expressar opiniões, fazer perguntas e assumir uma postura mais ativa diante das atividades propostas. Além disso, os efeitos dessas experiências ultrapassam os limites do espaço pedagógico, contribuindo para o

fortalecimento da autonomia, da autoestima e do sentimento de pertencimento dos estudantes surdos em diferentes contextos sociais e acadêmicos.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritivo-interpretativista, uma vez que tem como objeto de estudo as interações mediadas pela afetividade no contexto educacional de um estudante surdo. Tal objeto demanda uma compreensão aprofundada dos significados atribuídos pelos participantes às suas experiências, bem como das relações comunicativas e dos aspectos subjetivos envolvidos nos processos de interação.

De acordo com Lakatos e Marconi (2017), a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão e a interpretação dos fenômenos em sua complexidade, valorizando o contexto em que ocorrem e os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, sem privilegiar procedimentos de natureza estatística. Nessa perspectiva, a pesquisadora busca compreender os fenômenos sociais a partir das relações, percepções e práticas construídas pelos participantes em seus contextos de atuação. Além disso, as autoras ressaltam que o método científico constitui um conjunto de procedimentos sistemáticos que orientam a investigação da realidade, possibilitando a produção de conhecimentos válidos, fundamentados e coerentes com o objeto de estudo. Tal entendimento mostra-se pertinente para esta pesquisa, uma vez que o foco recai sobre as interações mediadas pela afetividade e os sentidos construídos por um estudante surdo em seu contexto educacional.

Assim como as teorias, surgem da necessidade de encontrar explicações para os fenômenos (fatos) da realidade. Os fatos ou fenômenos são apreendidos por meio de suas manifestações, e o estudo destas visas conduzir à descoberta de aspectos invariáveis comuns aos diferentes fenômenos, por meio da classificação e da generalização. (Lakatos; Marconi, 2017 p. 143)

Considerando os pressupostos da pesquisa qualitativa e o interesse em compreender, de forma aprofundada, os significados atribuídos pelo participante às suas experiências e interações, optou-se pela realização de um estudo de caso único, de tipo etnográfico. Esse procedimento possibilita a imersão da pesquisadora no contexto natural investigado, favorecendo a coleta detalhada de informações e a compreensão da singularidade do fenômeno estudado. O caso selecionado é o de um estudante surdo, regularmente matriculado no curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará, localizada no município de Abaetetuba (PA). A escolha por um participante do ensino superior justifica-se pela escassez de pesquisas que abordem a relação entre afetividade, interação e inclusão de estudantes surdos

nesse nível de ensino, bem como pela complexidade das demandas comunicativas envolvidas em disciplinas que contemplam leitura, escrita e análise linguística. Como instrumentos de coleta de dados, serão utilizados:

1. Entrevista semiestruturada com o estudante surdo, realizada em local e horário previamente acordados, com duração estimada entre 40 e 60 minutos. A entrevista foi registrada por meio de gravação audiovisual, possibilitando a captura não apenas do conteúdo linguístico em Libras, mas também das expressões faciais, dos movimentos corporais e de outros recursos visuais relevantes para a análise das manifestações afetivas presentes na interação. A pesquisa contou com a participação de uma intérprete de Libras, assegurando a plena compreensão entre pesquisadora e participante. O roteiro de entrevista contemplou temas relacionados às experiências de interação com professores e colegas, situações de acolhimento ou exclusão vivenciadas no ambiente acadêmico, sentimentos associados à participação nas atividades proposta e percepções acerca do processo de ensino e aprendizagem.
2. Diário de campo do pesquisadora, destinado ao registro de observações realizadas antes, durante e após a entrevista. Nesse instrumento foram anotados aspectos relacionados ao contexto da coleta, às condições da interação, às impressões do pesquisadora, às manifestações não verbais observadas e a eventuais dificuldades comunicativas identificadas ao longo do processo.
3. Protocolo de análise dos recursos pragmáticos e afetivos em Libras, elaborado com base no referencial teórico da pesquisa. O instrumento contemplou categorias relacionadas às expressões faciais, movimentos corporais, contato visual, dêixis, marcas de polidez e demais recursos não manuais associados à manifestação da afetividade. A análise buscou identificar como esses elementos são mobilizados pelo participante ao relatar suas experiências acadêmicas, bem como os sentidos afetivos construídos por meio dessas estratégias comunicativas. Também foram consideradas categorias discursivas relacionadas a situações de acolhimento, pertencimento, exclusão, incentivo e reconhecimento no contexto universitário.

Segundo Lakatos e Marconi (2017), após a coleta e a organização dos dados, a análise e a interpretação constituem etapas centrais da pesquisa. Para as autoras, a análise busca evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores, enquanto a interpretação procura atribuir significado mais amplo aos dados, relacionando-os ao referencial teórico e aos objetivos da investigação. Nessa perspectiva, a presente pesquisa adotará a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), por se tratar de um conjunto de técnicas sistemáticas

de análise que possibilita organizar, categorizar e interpretar os dados obtidos, favorecendo a identificação de sentidos e significados presentes no material empírico e contribuindo para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno investigado.

Nesse sentido, a análise ocorreu em três etapas: (1) transcrição e sistematização da entrevista, considerando não apenas o conteúdo verbal em Libras, mas também os marcadores afetivos presentes na comunicação sinalizada, como expressões faciais, movimentos corporais, direção do olhar, intensidade dos movimentos e demais marcas não manuais; (2) leitura e observação aprofundada do material audiovisual, articulando os relatos do participante ao referencial teórico sobre afetividade, Pragmática Afetiva, recursos não manuais da Libras e educação de surdos; e (3) interpretação dos dados, relacionando os achados aos objetivos da pesquisa e à pergunta investigativa.

Ademais, embora a pesquisa possuísse natureza qualitativa, foi realizado um levantamento das recorrências de manifestações afetivas identificadas nos dados. As ocorrências foram organizadas em categorias analíticas previamente definidas, contemplando afetividades positivas (acolhimento, incentivo, reconhecimento, pertencimento, confiança e respeito) e afetividades negativas (exclusão, desmotivação, insegurança, isolamento, invisibilização e desrespeito). Os resultados foram apresentados por meio de gráficos de frequência simples, utilizados exclusivamente como recurso complementar à análise qualitativa, sem finalidade estatística ou de generalização dos achados.

Dessa forma, os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa mostraram-se adequados à compreensão das manifestações de afetividade nas interações mediadas pela Libras no contexto universitário. A combinação entre entrevista semiestruturada, registro audiovisual, diário de campo e análise dos indicadores afetivos possibilitou uma abordagem aprofundada do fenômeno investigado, contemplando tanto os relatos do participante quanto os recursos linguísticos e pragmáticos mobilizados na comunicação sinalizada. Assim, a análise dos dados contribuiu para a compreensão das relações entre afetividade, interação e inclusão de estudantes surdos no ensino superior, oferecendo subsídios para reflexões e práticas pedagógicas mais sensíveis às especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Esta seção apresenta a análise dos dados produzidos no decorrer da pesquisa qualitativa, articulando os resultados encontrados aos pressupostos teóricos e metodológicos que fundamentam o estudo. O processo analítico foi desenvolvido a partir da análise de conteúdo, considerando as etapas de leitura inicial do material, organização dos dados,

exploração do corpus e construção das categorias de análise. Esse percurso possibilitou a interpretação dos sentidos presentes nas falas do participante, considerando as particularidades das interações em Libras e estabelecendo diálogo constante com os estudos da Pragmática Afetiva e da Comunicação em Libras.

Os dados analisados são provenientes de uma entrevista semiestruturada realizada com um estudante surdo, organizada em seis blocos temáticos: (1) interações com professores, (2) interações com colegas, (3) Comunicação e afetividade em Libras, (4) Participação e aprendizagem, (5) Intérprete de Libras e mediação comunicativa e (6) Inclusão e permanência no ensino superior, que contemplam aspectos relacionados às experiências de interação, participação e vivências no contexto acadêmico.

Para a organização e interpretação dos dados, foram construídas categorias analíticas com base no referencial teórico da pesquisa. A análise buscou compreender as manifestações afetivas presentes nas interações em Libras, considerando as experiências do participante e os aspectos linguísticos, corporais e visuais envolvidos, relacionando-os aos objetivos e às hipóteses da investigação. Assim, os dados foram organizados em dois eixos principais: afetividade positiva e afetividade negativa, conforme apresentado na tabela a seguir.

Tabela 1 – Manifestações afetivas positivas e negativas nas interações comunicativas em Libras

Afetividade positiva	Afetividade negativa
Acolhimento	Exclusão
Incentivo	Desmotivação
Reconhecimento	Invisibilização
Confiança	Insegurança
Respeito	Desrespeito
Pertencimento	Isolamento

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Dessa maneira, a apresentação dos dados seguirá a organização proposta, evidenciando os aspectos mais recorrentes identificados nas narrativas e nas interações analisadas, de modo a possibilitar uma compreensão mais ampla dos sentidos atribuídos pelo participante às experiências vivenciadas no contexto da pesquisa.

4.1 Relação com professores e experiências de ensino-aprendizagem: afetividade, comunicação e barreiras na interação docente

Inicialmente, a análise buscou compreender como o participante percebe sua relação com os professores e de que maneira essas interações interferem em suas experiências de

ensino-aprendizagem no contexto universitário. Os dados confirmam que a relação professor-aluno é atravessada por questões comunicativas e afetivas, uma vez que a possibilidade de participação acadêmica está diretamente relacionada à existência de uma interação acessível e ao reconhecimento das especificidades linguísticas do sujeito surdo.

Essa relação afetiva entre professor e estudante é fundamental no processo educativo, pois, conforme Libâneo (1994, p. 251), “os aspectos sócio-emocionais se referem aos vínculos afetivos entre professor e aluno, como também as normas e exigências objetivas que regem a conduta dos alunos na aula”. Nesse contexto, observou-se a predominância de manifestações de afetividade negativa associadas às experiências vivenciadas com alguns docentes, principalmente relacionadas à dificuldade de comunicação, ausência de aproximação e pouca compreensão sobre as necessidades do estudante surdo.

Conforme propõem os estudos da Pragmática Afetiva, a afetividade não se reduz à manifestação de estados emocionais internos, mas constitui-se como um campo de ações comunicativas que emergem e se negociam nas interações sociais. Nesse horizonte, Scarantino (2017) estabelece que o princípio central da Teoria da Pragmática Afetiva (TAP) reside na compreensão das expressões emocionais como recursos comunicativos que transcendem a mera exteriorização do mundo interior, elas orientam o comportamento do outro, representam aspectos da realidade compartilhada e instauram compromissos com cursos de ação futuros, operando, assim, como verdadeiros atos comunicativos no tecido das relações sociais.

Nesse sentido, no contexto analisado, as atitudes docentes são interpretadas pelo participante como elementos que favorecem ou dificultam sua inserção e participação no ambiente acadêmico. Os relatos indicam que a principal dificuldade encontrada pelo estudante não está exclusivamente relacionada ao conteúdo das disciplinas, mas às limitações na comunicação estabelecida com os professores. O participante destaca situações em que a dinâmica da sala de aula é organizada considerando apenas a turma em geral, enquanto suas necessidades linguísticas acabam sendo percebidas apenas quando surgem dificuldades de compreensão ou participação. Essa questão aparece no relato em (1):

- (1) “Os professores percebem as dificuldades, né, do ensino-aprendizagem. Mas às vezes ele foca sim em um todo, porque o professor chega aqui para ensinar, e no curso você não tem a Libras, então eu fico cheio de dúvidas, né. Eu me sinto que, quando o professor apresenta a atividade, eu não consigo desenvolver, muita das vezes.” (Entrevista com o participante)

Nessa perspectiva, Fonseca (2016, p. 375) afirma que “muitos alunos em sala de aula não aprendem porque não sentem a conexão íntima entre a emoção e a cognição”, evidenciando que os aspectos emocionais interferem diretamente na construção da aprendizagem. O trecho

confirma que a ausência de uma comunicação acessível produz impactos que ultrapassam a dificuldade de acompanhar o conteúdo.

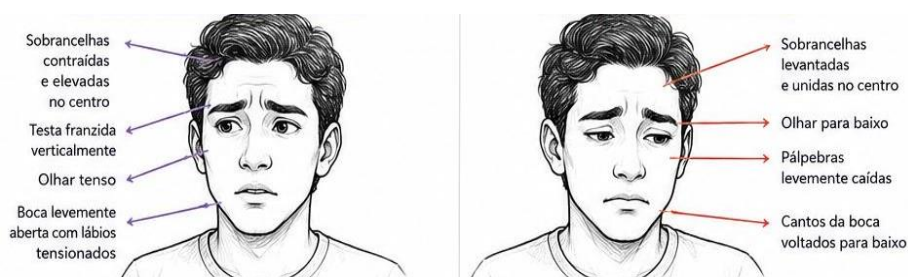
A impossibilidade de interagir diretamente com o professor gera sentimentos de insegurança, frustração e afastamento, pois o estudante deixa de ocupar uma posição ativa no processo de aprendizagem. A barreira comunicativa, nesse caso, também se transforma em uma barreira afetiva, uma vez que interfere na construção de vínculo e pertencimento no espaço universitário.

Durante a sinalização desse relato, observam-se alterações nos elementos não manuais da Libras. O participante apresenta maior tensão facial, redução do sorriso, franzimento da testa e momentos de desvio do olhar. A expressão corporal demonstra um movimento de retomada de experiências negativas, em que o corpo acompanha o conteúdo narrado e reforça os sentidos atribuídos à situação vivenciada. Também foram percebidas mudanças nos parâmetros manuais da sinalização.

Ao abordar dificuldades relacionadas à interação com os professores, os movimentos tornam-se mais contidos e tensos, com pausas mais frequentes entre os sinais. O ritmo da produção sinalizada apresenta interrupções, indicando esforço na organização do relato e envolvimento emocional diante das situações lembradas. A análise das produções sinalizadas do participante evidencia que a Libras, enquanto língua de modalidade visuoespacial, condensa em sua estrutura não apenas proposições lógico-discursivas, mas também camadas expressivas que revelam o posicionamento subjetivo do enunciador diante das situações vivenciadas.

Os aspectos entonacionais e prosódicos, traduzidos em elementos não manuais, funcionam como índices da relação afetiva estabelecida com o contexto narrado, permitindo ao pesquisadora acessar dimensões da experiência que escapariam a uma análise estritamente lexical. Para melhor visualizar essa articulação entre expressão corporal, marcas faciais e sentimentos relatados, sintetiza-se, na Figura (1), a seguir, o conjunto de manifestações afetivas negativas identificadas ao longo da coleta.

Figura 1 – Afetividade negativa: sentimentos de insegurança, desmotivação e invisibilização.



Fonte: Elaborado pela autora com auxílio de inteligência artificial (2026).

Outro aspecto relevante observado refere-se à percepção do estudante sobre a postura comunicativa do professor. O participante demonstra que a ausência de domínio da Libras pelo docente não é necessariamente compreendida como o principal problema, o fator mais significativo está relacionado à falta de tentativa de aproximação e adaptação da interação. Dessa forma, a dificuldade não está apenas no desconhecimento da língua, mas na ausência de uma postura comunicativa que reconheça o estudante como participante legítimo da sala de aula.

Nesse sentido, observa-se que os momentos em que o professor demonstra disponibilidade para interagir e estabelece iniciativas de aproximação são percebidos pelos estudantes como experiências de acolhimento e pertencimento. Atitudes simples, como cumprimentar, direcionar o olhar, demonstrar atenção e buscar adaptações na comunicação e nos conteúdos, assumem um significado relevante na construção da relação entre professor e estudante.

Essa compreensão se aproxima das discussões de Dias (2014), ao apontarem que o reconhecimento da identidade linguística do estudante surdo constitui um aspecto fundamental para sua participação educacional. Quando a comunicação não considera a diferença linguística, cria-se uma relação desigual, na qual o estudante precisa constantemente buscar estratégias para acompanhar um espaço pensado prioritariamente para ouvintes.

Os dados dialogam com a hipótese H2, ao evidenciar que as manifestações afetivas presentes na relação com os professores interferem diretamente no envolvimento do estudante surdo com as atividades acadêmicas. Também se relacionam à hipótese H3, pois indicam que a ausência de práticas comunicativas acessíveis contribui para a manutenção de barreiras atitudinais no ensino superior.

Assim, a afetividade aparece principalmente marcada por experiências de distanciamento, insegurança e frustração diante das barreiras comunicativas estabelecidas na relação docente. As manifestações corporais observadas na Libras demonstram que esses sentidos não estão presentes apenas no discurso verbalizado, mas também são expressos pelo corpo durante a interação, revelando como as relações pedagógicas influenciam diretamente a experiência de inclusão do estudante surdo no ensino superior.

4.2 Relação com os colegas de turma: interação, pertencimento e manifestações de afetividade positiva

Dando continuidade à análise, busca-se compreender como o participante percebe suas relações com os colegas de turma e de que maneira essas interações interferem em sua

experiência acadêmica e social no ensino superior. Diferentemente da discussão anterior, relacionado à interação com os professores, em que foram identificadas principalmente experiências associadas às barreiras comunicativas e ao distanciamento, os dados analisados revelaram maior presença de manifestações de afetividade positiva, vinculadas ao acolhimento, à aproximação, ao apoio, ao incentivo e à construção de vínculos no ambiente universitário.

A partir dessa perspectiva, observa-se que a relação com os colegas constitui um espaço significativo de interação e pertencimento para o estudante surdo. As experiências relatadas indicam que as atitudes dos pares, principalmente aquelas relacionadas à tentativa de comunicação, colaboração nas atividades acadêmicas e participação nos momentos cotidianos da turma, são interpretadas pelo participante como formas de reconhecimento e valorização.

Essa dimensão afetiva nas relações sociais contribui para a aproximação do estudante com o ambiente educativo, pois, segundo Balduino e Teixeira (2019, p. 2), “é justamente pela afetividade que podemos trazer o jovem para mais perto da escola”. Assim, no contexto analisado, as ações dos colegas são percebidas pelo participante como sinais de abertura, aceitação e pertencimento. Essa percepção aparece no relato do participante em (2):

- (2) “Com os colegas eu tenho essa interação. Mas ainda tem muita dificuldade no uso da Libras. Eu vou lá, eu tento ensinar, eles vão aprendendo devagar, né? Então, a gente tem essa interação, sim. Essa interação é boa, eu gosto muito dessa interação e isso é muito importante para que eu consiga me desenvolver dentro do curso.” (Entrevista com o participante)

Diante das narrativas compartilhadas, percebe-se que a afetividade positiva está relacionada principalmente à disponibilidade dos colegas em estabelecer uma relação comunicativa. O participante não destaca apenas a aprendizagem da Libras pelos colegas, mas principalmente a iniciativa de aproximação e o interesse em construir uma interação. Dessa forma, mesmo quando a comunicação não ocorre de maneira totalmente fluente, a tentativa de contato é compreendida como uma atitude de reconhecimento e respeito à sua diferença linguística.

Essa dimensão afetiva torna-se evidente na produção em Libras, pois as marcações manuais e não manuais revelam mudanças na forma como o participante organiza sua sinalização ao relatar experiências positivas com os colegas. Observou-se maior fluidez nos movimentos, continuidade e menor tensão corporal, indicando segurança e envolvimento emocional durante o relato. As expressões faciais, o sorriso, a elevação das sobrancelhas e o contato visual também contribuíram para intensificar os sentidos afetivos presentes na interação.

Em relação aos parâmetros manuais, percebeu-se uma sinalização mais espontânea e organizada, com movimentos mais amplos e naturais, diferente dos momentos marcados por

difficultades comunicativas, nos quais houve maior rigidez e pausas. Esses elementos revelam que o estado emocional interfere na produção linguística em Libras, uma vez que o corpo participa da construção do discurso. A Figura 2, apresentada a seguir, sistematiza os principais elementos que compõem o cenário de afetividade positiva, evidenciando como acolhimento, pertencimento e incentivo se traduzem em marcas visíveis na performance linguística do estudante surdo.

Figura 2 – Afetividade positiva: sentimentos de acolhimento, pertencimento e incentivo



Fonte: Elaborado pela autora com auxílio de inteligência artificial (2026).

Esses aspectos dialogam com Souza et al. (2021), ao indicar que os valores afetivo, pragmático e simbólico se relacionam às práticas comunicativas e às experiências construídas no contexto educacional. Assim, a análise destaca que a afetividade em Libras é constituída pela integração entre língua, corpo e interação.

Outro aspecto identificado refere-se ao sentimento de pertencimento construído por meio da convivência com os colegas. O participante demonstra que a inclusão nas conversas, atividades e interações cotidianas contribui para que ele se reconheça como parte da turma, fortalecendo sua participação acadêmica e sua experiência social no ambiente universitário. Essa análise dialoga com a hipótese H1 da pesquisa, ao apontar que as manifestações afetivas são expressas por diferentes recursos pragmáticos da Libras, incluindo aspectos manuais e não manuais. Também se relaciona ao objetivo de compreender como estudantes surdos atribuem sentidos às manifestações afetivas presentes nas interações comunicativas.

4.3 Comunicação e afetividades em Libras: percepção da intencionalidade e construção dos sentidos na interação

Na sequência, a análise buscou observar de que maneira o estudante entrevistado identifica e atribui sentidos à afetividade nas interações realizadas em Libras, considerando os elementos linguísticos, corporais e visuais presentes nos processos comunicativos. As questões desse eixo permitiram observar como o sujeito da pesquisa percebe atitudes de acolhimento, respeito, incentivo e empatia, além de situações que revelam desafios ou limitações nas relações de interação.

O conceito de afetividade é compreendido pelo aluno como parte constitutiva da comunicação. A interação não é avaliada apenas pelo domínio da Libras, mas pela disposição do interlocutor em estabelecer uma relação de troca. A tentativa de aprender sinais, compreender a mensagem e manter o diálogo aparece como uma atitude significativa, pois demonstra reconhecimento e valorização do sujeito surdo. Quadros et al. (2018, p. 49) destacam que “a socialização é fundamental, pois além de garantir a difusão da Libras, dá visibilidade e é um instrumento de políticas linguísticas de status, de corpus, de aquisição e de atitude”, reforçando que a interação em Libras também envolve reconhecimento social e linguístico.

As experiências narradas indicam que o participante percebe o envolvimento do outro por meio de comportamentos presentes na interação, como o contato visual, a atenção direcionada e o esforço para acompanhar a comunicação. Assim, a construção do vínculo está relacionada menos à fluência linguística e mais à disponibilidade para participar do processo comunicativo. Essa percepção é evidenciada no relato em (3):

- (3) “Eu percebo quando a pessoa está sendo sincera, quando ela está sorrindo. As expressões falam muito por si só, né? Então quando a pessoa vem conversar comigo, os outros alunos, os meus amigos, eles me dão oi, tudo bem? Então eu percebo através dessa expressão, se você vai ter a comunicação de fato se acontece ou não, o ouvinte começa a falar, eu vou ensinando eu vou percebendo essas expressões de cada pessoa” (Entrevista com o participante)

A fala demonstra que a intenção de interagir assume papel central na forma como o participante interpreta a afetividade. Mesmo diante de limitações linguísticas, a iniciativa do interlocutor favorece uma experiência positiva, pois indica abertura para a construção conjunta de sentidos. Os elementos visuais presentes na comunicação em Libras também aparecem como importantes marcadores afetivos. Expressões faciais, direção do olhar, movimentos corporais e postura são percebidos como sinais de atenção e envolvimento.

Nos momentos em que relata experiências de acolhimento, o participante apresenta marcas não manuais associadas a uma afetividade positiva, como maior contato visual, expressão facial mais aberta, sorriso e direcionamento corporal ao interlocutor. Em contrapartida, a ausência desses elementos pode representar situações de afastamento, desinteresse ou menor envolvimento na interação, ressaltando que os recursos não manuais participam tanto da aproximação quanto da percepção de barreiras comunicativas. Tassoni (2019, p. 3) explica que “as experiências vividas em sala de aula ocorrem inicialmente entre os indivíduos envolvidos, no plano externo (interpessoal), e através da mediação vão se internalizando”, mostrando que as interações produzem marcas afetivas nos sujeitos.

Essa reiteração dos planos linguístico e expressivo na Libras consolida o papel dos elementos não manuais como operadores afetivos essenciais, operando de forma binária entre

o acolhimento e o distanciamento, como sintetizado na Figura 3, apresentada a seguir, que sintetiza essa dupla manifestação da afetividade.

Figura 3 – Afetividade positiva e negativa: expressões corporais e emocionais na comunicação em Libras



Fonte: Elaborado pela autora com auxílio de inteligência artificial (2026).

Os resultados obtidos corroboram as contribuições de Gomes (2018), ao evidenciarem que a comunicação em Libras é constituída por um conjunto de recursos linguísticos e pragmáticos que transcendem a produção dos sinais. Esse contexto confirma a hipótese H4, ao demonstrar que o reconhecimento da identidade linguística e cultural dos estudantes surdos, associado ao uso da Libras nas práticas pedagógicas, favorece sua participação, permanência e sucesso acadêmico no ensino superior.

Nesse sentido, as percepções apresentadas pelo participante revelam que a afetividade está relacionada à forma como os sujeitos interpretam e respondem às atitudes do outro durante a interação. As manifestações de atenção, disponibilidade e reconhecimento favorecem a participação e fortalecem os vínculos estabelecidos no ambiente acadêmico.

4.3.1 Participação e aprendizagem: desafios linguísticos, estratégias de permanência e construção da autonomia acadêmica

A investigação voltou-se à compreensão das percepções do estudante sobre sua participação nas aulas e sobre a influência dos aspectos comunicativos e afetivos em seu processo de aprendizagem no ensino superior. Os relatos evidenciam que a experiência acadêmica é atravessada por desafios relacionados à comunicação, mas também por estratégias construídas pelo próprio estudante para acompanhar as atividades e desenvolver sua formação.

Nesse contexto, percebe-se que o processo de aprendizagem envolve uma postura ativa diante das dificuldades vivenciadas em sala de aula. O estudante relata que, quando não compreende totalmente determinados conteúdos durante as aulas, busca complementar seus estudos por meio de leituras, pesquisas e outras fontes de informação. Essas ações demonstram autonomia e a criação de estratégias para superar os desafios presentes no percurso acadêmico.

Além disso, as barreiras linguísticas aparecem como fatores que influenciam a compreensão dos conteúdos, considerando a Libras como língua de comunicação e o português

escrito como segunda língua (L2). É nesse movimento que ele desenvolve táticas pessoais de estudo, como relata a seguir, em (4).

- (4) “Para poder participar do processo de aprendizagem, né, para que eu consiga entender de forma clara e escrever, me esforçar e conseguir participar de fato desse desenvolvimento, são pesquisas, né? Fico ali na frente do meu computador pesquisando, tentando entender, e aí eu copio, para que eu consiga de fato participar.” (Entrevista com o participante).

Diante disso, percebe-se que a acessibilidade linguística vai além da simples tradução, constituindo-se como uma condição fundamental para que o estudante surdo participe efetivamente das atividades acadêmicas. Essa busca por autonomia, detalhada no relato anterior, reflete-se na própria performance linguística do participante, cujas marcas corporais oscilam entre o esforço cognitivo das barreiras e a fluidez das táticas de superação. Isso mostra que aprender não é só acessar conteúdo, mas depender de uma rede que envolve intérprete, colegas, professores disponíveis e estratégias individuais.

A trajetória acadêmica do participante revela que a afetividade não se constitui como estado fixo ou estável, mas como processo dinâmico que se reconfigura ao longo do tempo, em função das experiências acumuladas e das respostas obtidas a cada interação. Essa dimensão temporal da afetividade, nem sempre contemplada nas análises sobre inclusão universitária, encontra-se na Figura 4 uma representação sintética que contrasta os polos positivo e negativo, evidenciando como o pertencimento e o reconhecimento, ou sua ausência, se inscrevem na materialidade expressiva da Libras ao longo do percurso formativo do estudante surdo.

Figura 4 – Afetividade negativa e positiva: insegurança, pertencimento e reconhecimento



Fonte: Elaborado pela autora com auxílio de inteligência artificial (2026).

E é nesse ponto que a afetividade ganha destaque, pois, conforme argumenta Medeiros (2017), a relação entre professor e aluno ocupa um lugar central no processo de construção do conhecimento, sendo por meio dela que ambos trocam experiências, dividem dificuldades e celebram conquistas, ou seja, definem seus papéis nessa caminhada conjunta. E isso se confirma também nesse trecho, em (5):

- (5) “No curso de Libras, quando eu fui convidado, eu, como sujeito surdo, fiquei pensando: ‘Nossa, que legal!’ Aí comecei a organizar meu material para participar, né, para instruir na

universidade. Achei muito legal ver o avanço e o esforço dos alunos, né? Então eu também me esforço para organizar, conseguir passar e conseguir entregar os certificados, para que não tenha esse bloqueio de participação.” (Entrevista com o participante)

Quando a afetividade está presente, o ambiente se torna mais acolhedor, as barreiras comunicativas diminuem e o aluno se sente mais seguro para perguntar, errar e tentar novamente. Para estudantes surdos, cujas trajetórias são marcadas por desafios de acesso linguístico e reconhecimento identitário, essa dimensão relacional é ainda mais crucial. No fim, participar e aprender no ensino superior é um processo contínuo de adaptação, e a inclusão só se concretiza quando recursos técnicos e afetivos funcionam juntos, transformando não só a sala de aula, mais todo ambiente universitário num espaço real de participação e aprendizagem.

4.3.2 Intérprete de Libras e mediação comunicativa: acessibilidade, segurança e permanência acadêmica

No que concerne à atuação das intérpretes de Libras no cenário universitário, buscou-se compreender a percepção do participante sobre essa mediação e seus reflexos na participação, segurança e permanência acadêmica. Mediante a análise dos dados, constatou-se que, logo após os pares acadêmicos, a interação com esses profissionais configura-se como um dos principais espaços de afetividade positiva, revelando-se um fator elementar para a inclusão do estudante.

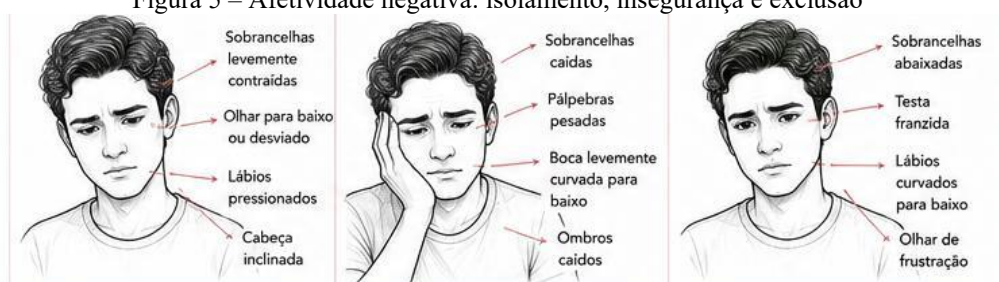
Sob essa ótica, e em contraposição às barreiras comunicacionais experienciadas em outros contextos, a relação com o corpo de intérpretes fundamenta-se na confiança mútua e na viabilidade de engajamento nas rotinas acadêmicas. Depreende-se do relato do participante que o papel da intérprete transcende a mera decodificação linguística entre a Libras e a Língua Portuguesa, constituindo a própria condição de possibilidade para a apreensão dos conteúdos, a interação interpessoal e a consolidação do seu sentimento de pertencimento.

Diante disso, a privação temporária desse suporte foi apontada como um dos períodos de maior vulnerabilidade na trajetória do estudante. Essa lacuna assistencial resultou no incremento imediato de dúvidas, no isolamento social e na assimetria de condições para o acompanhamento das atividades propostas, conforme ilustra o relato transcrito a seguir, em (6):

- (6) “Eu me senti, sim, excluído, porque as disciplinas estavam acontecendo e eu me sentia muito triste. Poxa, eu estou perdendo muita coisa por falta do profissional. Aí sim onde se te exclui, por que como é que eu ia estudar? Né, as disciplinas, eu estava perdendo disciplinas importantes, né, porque eu tinha dúvida, eu ficava com dúvida. Né, eu queria estar incluído, eu queria estar junto com a turma, eu queria conseguir me desenvolver, porque eu entrei na universidade e eu me esforcei para isso. Eu sei que sou capaz, né. É, eu sempre me esforcei, apesar de ter a ajuda dos meus colegas, né. Então, quando eu perdi por falta da intérprete, eu me senti ser excluído de fato.” (Entrevista com o participante)

O impacto da acessibilidade comunicativa, portanto, atinge diretamente a subjetividade e a saúde emocional do estudante no ensino superior. A análise linguística desse relato revela que a privação temporária da intérprete não representa apenas uma lacuna pedagógica, mas um fator de desestabilização afetiva. Ao rememorar a falta desse profissional, a narrativa em Libras é marcada por um fenômeno de retração expressiva, a musculatura facial tensiona-se e o ritmo dos sinais sofre quebras bruscas, sinalizando que a exclusão institucional deixa marcas duradouras na corporeidade do sinalizante. Essa dimensão da ausência, que converte a barreira linguística em isolamento social, está mapeada na Figura 5, a qual sistematiza os marcadores de vulnerabilidade identificados na performance do participante.

Figura 5 – Afetividade negativa: isolamento, insegurança e exclusão



Fonte: Elaborado pela autora com auxílio de inteligência artificial (2026).

Por outro lado, a reintrodução desse suporte em sala de aula opera uma reconfiguração imediata na qualidade da experiência universitária, transmutando o espaço de exclusão em um território de legítima pertença. Quando a intérprete está presente, a mediação ultrapassa a mera técnica de conversão entre línguas e assume uma função acolhedora e de suporte relacional. Essa segurança linguística reflete-se na imediata expansão do espaço de sinalização do estudante, que recupera a fluidez, o relaxamento muscular e a espontaneidade expressiva. A confiança depositada no profissional funciona, assim, como o alicerce afetivo que devolve ao sujeito sua condição de agente no processo educativo. Esses elementos de bem-estar, reconhecimento e validação identitária estão sintetizados na **Figura 6**, evidenciando como a presença desse mediador ameniza o percurso acadêmico.

Figura 6 – Afetividade positiva: confiança, respeito e apoio na mediação da intérprete de Libras



Fonte: Elaborado pela autora com auxílio de inteligência artificial (2026).

Nota-se, com isso, que a qualidade desse trabalho mora na delicadeza da interação e na confiança construída no dia a dia. Elementos como a atenção, a sintonia no olhar e a sensibilidade com o contexto das aulas humanizam a mediação, transformando a intérprete em uma referência de apoio essencial para que o estudante expresse suas dúvidas e construa sua trajetória com tranquilidade. Essa busca por estabilidade e o sentimento de proteção e validação ficam nítidos quando o participante afirma em (7) que:

- (7) “Eu sempre fui muito bem atendido. Tendo essa interação, esse debate em Libras com a interpretação de Libras é muito boa, então eu consegui. Então eu vou aprendendo, né, eles vão passando esse conhecimento, fazendo essa ponte. Exemplo, eles conseguem passar conteúdo de forma clara, e eu sempre agradeço, né. Na volta para casa também reviso o conteúdo para entregar. É alívio para mim ter esse profissional dentro da sala de aula, porque sem esse profissional não teria comunicação. Então, quando o profissional chega, parece que as coisas fluem melhor, porque eu consigo entender de fato o que está se passando. Eu consigo entender bem. Então eu sempre agradeço muito por ter esse profissional. Eu consegui é aprender com a intérprete de Libras, eu fico muito feliz.” (Entrevista com o participante)

Longe de ser um mero suporte pedagógico, a mediação da Libras desenha uma linha tênue entre o isolamento e o acolhimento que liberta, consolidando-se como o alicerce emocional e prático para a continuidade dos seus estudos, do ensino-aprendizagem e inclusão no espaço universitário. Essa experiência encontra eco no memorial de Erivaldo Lobato de Lima (2015), surdo e egresso do curso de Pedagogia da UFPA – Campus Abaetetuba. Ele relata que, no início da graduação:

No começo das aulas, os alunos descobriram que eu era surdo e uma colega me ajudou muito. Ela escrevia no papel, fazia mímicas e tentava interpretar pra mim. Não havia profissional intérprete de Libras na sala de aula. [...] Nas provas minhas respostas sempre, sempre estavam erradas. Eu tentava entender as perguntas, mas não conseguia. [...] Nas apresentações de trabalho eu ficava em pé na frente da turma, sinalizava e ninguém me entendia. Eu ficava muito nervoso. [...] Em 2014 todas as aulas dos professores foram interpretadas para mim em Libras por uma intérprete. Consegui entender melhor. Foi bom. [...] Em 2015, no evento Encontro de Educação Especial em Abaetetuba, criei coragem e palestrei em Libras porque havia intérpretes de Libras. [...] Todos entenderam o que eu apresentei. As pessoas ficaram admiradas e me deram parabéns. (Lima, 2015, p. 34-37)

Os relatos comprovam que a presença da intérprete não apenas viabiliza o acesso ao conteúdo, mas também resgata a dignidade e a pertença do estudante surdo no espaço acadêmico. A ausência desse profissional, por sua vez, produz silêncios que vão além da incomunicação linguística, são silêncios que ferem, isolam e reproduzem estruturas históricas de exclusão.

4.3.3 Inclusão e permanência no ensino superior: afetividade, reconhecimento e construção da trajetória acadêmica

Ao lançar um olhar sobre a experiência global do estudante, compreende-se que a inclusão vai muito além da garantia de uma vaga ou da presença física nas salas de aula. Para o participante, o ato de incluir-se consolida-se no direito de participar ativamente das rotinas acadêmicas, de compreender o que é ensinado e de ser reconhecido em sua identidade surda. A permanência na universidade surge, portanto, como fruto de uma rede viva, tecida pela acessibilidade e pelo acolhimento social.

Dessa jornada, emerge um forte sentimento de orgulho por uma trajetória construída com resiliência, esforço e superação de barreiras. No entanto, o estudante deixa claro que o mérito individual não se sustenta sozinho, a continuidade dos seus estudos pulsa na dependência direta de um ambiente que ofereça equidade de oportunidades e que não o force a lutar constantemente para ser ouvido. É nesse horizonte que o afeto assume o papel de alicerce para a sua permanência. A sensibilidade demonstrada por colegas, intérpretes e, de forma especial, por alguns professores, ao buscarem compreender sua forma de comunicação, humaniza a experiência universitária, transformando o espaço acadêmico em um lugar onde ele escolhe e deseja estar, conforme expressa em seu relato, em (8):

- (8) “Eu me esforço, né, pra conseguir permanecer, para conseguir me desenvolver, para chegar até o final do curso, então tenho estudado muito, eu penso assim no meu esforço aqui na UFPA, tem também o curso de Libras e muitos outros processos de aprendizado, para que eu consiga me formar de fato, e esse é o meu desejo, e eu me sinto feliz em continuar, em consegui continuar aqui” (Entrevista com o participante)

Fica evidente que o sentimento de pertencer não nasce de um vínculo puramente formal com a instituição, mas ganha vida nos encontros diários e nas práticas de reconhecimento mútuo. É a disposição genuína do outro em se comunicar que gera o eco afetivo necessário para sustentar a permanência do estudante.

Essa dinâmica se traduz nitidamente em sua corporalidade durante as entrevistas, ao reviver suas conquistas e falar sobre a rede de apoio que encontrou, a sinalização do participante expande-se no espaço cênico da língua. Esse fenômeno demonstra que o orgulho e a afirmação da identidade surda não são apenas construções discursivas, mas estados expressivos que demandam um ambiente de equidade para florescer, conforme mapeado na Figura 7.

Figura 7 – Afetividade positiva: orgulho, identidade surda e permanência acadêmica



Fonte: Elaborado pela autora com auxílio de inteligência artificial (2026).

A culminância da trajetória acadêmica do participante, marcada pela superação de obstáculos e pela consolidação de seu percurso universitário, encontra na expressividade da Libras um espelho fiel de suas conquistas. Os sinais, então, desenham-se no espaço com segurança e desenvoltura, o olhar sustenta-se com firmeza e as sobrancelhas, suavemente elevadas, acompanham um sorriso sereno que atravessa toda a sinalização.

Em contrapartida, as marcas deixadas pelas barreiras comunicacionais e pela descontinuidade dos serviços de tradução também encontram vazão em sua performance linguística. Nos momentos em que o participante revisita as memórias de exclusão, o fluxo da Libras retrai-se e os movimentos tornam-se densos, evidenciando que a falta de acessibilidade atua como uma violência simbólica que se inscreve na própria subjetividade do sujeito. Essa mudança radical na qualidade da interação sinalizada atesta que as barreiras atitudinais deixam cicatrizes na trajetória acadêmica, um cenário de desmotivação e insegurança institucional que se encontra sistematizado na Figura 8.

Figura 8 – Afetividade negativa: Desmotivação e insegurança



Fonte: Elaborado pela autora com auxílio de inteligência artificial (2026).

Nesse viés, considera-se que a verdadeira permanência do estudante surdo se costura na intersecção entre a linguagem e o afeto. A inclusão real só se concretiza quando o espaço universitário deixa de ser apenas ocupado e passa a ser plenamente habitado, assegurando ao sujeito o direito de interagir, aprender e ser legitimado em sua própria existência. Essa análise confirma a hipótese H5, ao evidenciar que os recursos expressivos da Libras participam da

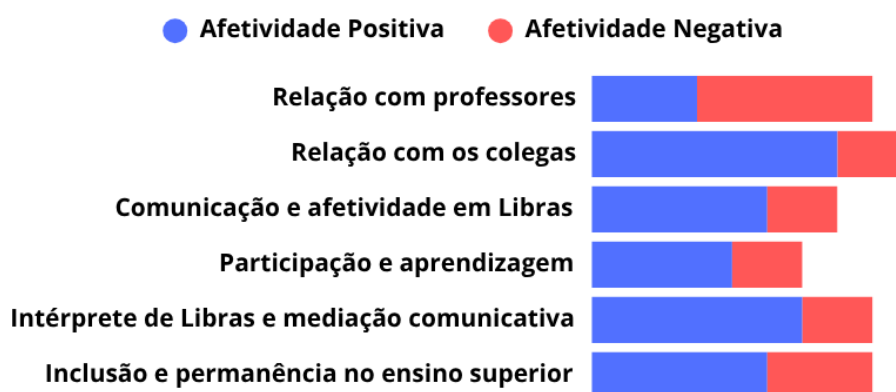
manifestação da afetividade e influenciam diretamente a qualidade das relações pedagógicas no contexto universitário.

4.3.4 Síntese analítica das categorias e representação gráfica dos resultados

Como forma de síntese das experiências e dos sentidos atribuídos ao longo da trajetória investigada, o Gráfico 01 funciona como uma representação expressiva da dimensão afetiva que atravessa o percurso acadêmico do estudante surdo. Longe de pretender uma mensuração estatística ou quantitativa, essa categorização visual busca ilustrar o relevo das marcas emocionais e relacionais no processo de construção do conhecimento. A visualização permite apreender, em um relance, como as vivências universitárias são tensionadas por diferentes forças afetivas, as quais atuam diretamente na sustentação do sentimento de permanência ou no tensionamento do percurso formativo.

A leitura visual da imagem revela que os ambientes compartilhados com os “Colegas” e com a “Intérprete de Libras” são dominados por uma expressiva faixa azul, traduzindo o peso do acolhimento e da estabilidade comunicativa que sustentam o aluno. Na direção oposta, a “Relação com os professores” evidencia um nítido avanço da faixa vermelha, expondo visualmente como as barreiras atitudinais e a incomunicabilidade desgastam o vínculo pedagógico. O gráfico demonstra, portanto, que a inclusão não se dá de forma homogênea, mas se constrói em um território de disputa afetiva constante.

Gráfico 01 – Afetividade no contexto acadêmico



Elaborado pela autora (2026)

Ao consolidar a leitura dessas manifestações, dividida entre os polos da afetividade positiva e negativa, demonstra que a experiência da inclusão é tecida pelas percepções subjetivas e pelos modos como o sujeito é reconhecido e validado dentro do espaço universitário. Nesse horizonte, o Gráfico 02 expande essa síntese expressiva ao delinear as tipologias de afetividade que emergiram das interações cotidianas. O gráfico espelha

visualmente a dinâmica relacional em que o participante se divide entre o acolhimento que impulsiona sua autonomia e o distanciamento comunicativo que gera o retraimento.

Na análise visual do bloco azul, destaca-se a amplitude das barras de Acolhimento, Pertencimento e Reconhecimento, indicando que estes são os pilares que ancoram o desejo de permanência do estudante. Já no bloco vermelho, a barra correspondente à Desmotivação desponta como o vetor de maior relevo expressivo, acompanhada de perto pela Insegurança e pela Exclusão. O gráfico ilustra, com isso, o sofrimento gerado pela falta de acessibilidade, evidenciando que a barreira linguística deixa marcas profundas na vivência e no bem-estar do aluno surdo.

Gráfico 02– Tipos de afetividade analisadas



Elaborado pela autora (2026)

Em suma, a leitura integrada de ambas as ilustrações oferece um espelho visual da subjetividade do participante, confirmando que os gráficos operam como sínteses de sentidos e não como métricas estatísticas. Nesse sentido, a afetividade torna-se elemento fundamental nas relações educativas, pois, como destaca Chalita (2001 apud Canuto; Pereira, [2023], p. 242), “os professores se tornam imprescindíveis. Conseguem dar afeto porque sentem afeto, conseguem ser amáveis porque aceitam receber amor, receber amizade”. Diante desse cenário, consolida-se uma rede onde professores, colegas e as intérpretes desempenham papéis únicos, embora indissociáveis. Enquanto os pares oferecem o aconchego do apoio social e as intérpretes garantem a ponte linguística essencial, os docentes figuram como peças decisivas, cujas escolhas pedagógicas e comunicativas têm o poder de abrir portas ou erguer novos muros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste estudo permite reafirmar a centralidade da afetividade como dimensão constitutiva e estruturante do processo de inclusão de estudantes surdos no ensino

superior. Ao longo da investigação, evidenciou-se que as manifestações afetivas, expressas por meio dos recursos linguísticos e paralinguísticos da Libras, em especial as marcas faciais, o contato visual e a modulação corporal, não se restringem a elementos acessórios da comunicação, mas configuram-se como componentes essenciais para a efetivação de práticas pedagógicas acessíveis, dialógicas e humanizadas.

Os resultados obtidos respondem satisfatoriamente à questão norteadora da pesquisa, ao demonstrar que a afetividade, quando mobilizada intencionalmente nas interações comunicativas em sala de aula, exerce influência direta sobre a participação acadêmica, o senso de pertencimento e a permanência do estudante surdo na universidade. As hipóteses formuladas foram corroboradas pelos dados, confirmando que: (a) a Libras dispõe de recursos pragmáticos expressivos capazes de veicular conteúdo afetivo; (b) relações afetivas positivas potencializam o engajamento discente; (c) atitudes de acolhimento por parte de docentes, intérpretes e pares atenuam barreiras comunicacionais; (d) o reconhecimento da identidade linguístico-cultural surda está associado à trajetória acadêmica bem-sucedida; e (e) os recursos não manuais da Libras desempenham função decisiva na construção de sentidos afetivos nas relações pedagógicas.

Cumprido destacar que todos os objetivos específicos propostos foram integralmente alcançados, na medida em que se identificou, analisou e descreveu o papel da afetividade como mediadora das interações em Libras, bem como se compreendeu sua contribuição para os processos de inclusão e para a permanência qualificada no ambiente universitário.

No que tange às contribuições da pesquisa, estas se desdobram em três planos principais. No plano teórico, o estudo avança ao propor um modelo analítico que articula os recursos não manuais da Libras, marcas faciais, contato visual e modulação corporal, como operadores concretos da afetividade, preenchendo uma lacuna na literatura que, em geral, trata o afeto como abstração ou como tema periférico à linguística aplicada.

No plano metodológico, a investigação oferece um protocolo de observação e análise das interações em sala de aula que pode ser replicado em outros contextos educacionais, servindo como ferramenta diagnóstica para avaliar o clima afetivo-inclusivo das instituições. No plano prático-social, a pesquisa fornece subsídios objetivos para a formação continuada de docentes e intérpretes, ao demonstrar que a competência técnica em Libras deve ser acompanhada de uma competência relacional, ou seja, saber usar os recursos afetivos da língua é tão essencial quanto dominar seu léxico e sintaxe.

Além disso, os resultados ampliam o escopo dos debates acerca da acessibilidade comunicacional, ao sublinhar que a efetiva inclusão de estudantes surdos não se esgota na oferta

de recursos técnicos ou na presença de profissionais de apoio, mas exige, sobretudo, a construção de uma cultura institucional pautada pelo reconhecimento da diferença, pelo respeito à diversidade linguística e pelo compromisso ético com a equidade.

Do ponto de vista das limitações do estudo, reconhece-se que o recorte empírico se restringiu a uma única instituição de ensino superior e a um número delimitado de participante, o que impede generalizações extensivas. Além disso, a pesquisa concentrou-se predominantemente na perspectiva do estudante surdo, sem contemplar de forma igualmente aprofundada a visão dos docentes, colegas de turma e intérpretes sobre suas próprias práticas afetivas, aspecto que poderia revelar dissonâncias ou sinergias importantes sobre as múltiplas experiências vivenciadas no contexto universitário.

Diante dessas restrições, sugerem-se caminhos promissores para investigações futuras, como estudos longitudinais que acompanhem cortes de estudantes surdos desde o ingresso até a conclusão do curso, correlacionando indicadores afetivos com taxas de evasão e sucesso acadêmico ou pesquisas comparativas entre diferentes instituições e regiões, que permitam identificar fatores contextuais, como políticas institucionais, porte da universidade e proporção de alunos surdos, que modulam a eficácia das práticas afetivas.

Assim, espera-se que os resultados aqui sistematizados possam subsidiar futuras investigações, bem como orientar políticas institucionais e práticas docentes mais sensíveis às dimensões relacionais e afetivas do processo educativo. Ao colocar em evidência a indissociabilidade entre língua, afeto e inclusão, a presente pesquisa reafirma o compromisso da academia com a construção de espaços universitários verdadeiramente democráticos, nos quais todos os sujeitos, em sua integralidade linguística, cultural e subjetiva, possam não apenas aprender, mas também ser reconhecidos e valorizados como parte legítima da comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. S. D. P. **Atitude: afeto, julgamento e apreciação. A linguagem da avaliação em língua portuguesa: Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 99-112, 2010.
- BALDUINO, Jordana; TEIXEIRA, Rosana. **A importância da afetividade com estudantes adolescentes**. Portal Nova Escola, 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002.
- CANUTO, Luana Gabriela Julianzeti; DE MELO, Virgínia Maria Pereira. A afetividade como cerne dos processos de interação e de aprendizagem na educação infantil. **REEDUC-Revista de Estudos em Educação (2675-4681)**, v. 9, n. 1, p. 8-45, 2023.
- DAS GRAÇAS SOARES, Bruna. **Semântica e Pragmática**. 2024.
- DE MEDEIROS, Maria Fabrícia. O papel da afetividade na relação professor e aluno e suas implicações na aprendizagem. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, p. 1165-1178, 2017.
- DE MIRANDA RODRIGUES, Gleice Mari Machado; BLASZKO, Caroline Elizabel; UJIE, Nájela Tavares. A afetividade na relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem. In: **Colloquium Humanarum**. ISSN: 1809-8207. 2021. P. 61-76.
- DIAS, Aline Fernanda Alves. O papel da afetividade nas aulas de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos. **Revista Espaço**, p. 40-45, 2014.
- FERREIRA, Lucinda. Atos da fala: o pedido e as estratégias de polidez em libras. In: FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. Cap. 9, p. 171-200.
- FONSECA, Vitor da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016.
- GOMES, Francisca Josseany da Silva Campos. Estratégias comunicativas e a ênfase das marcações não manuais para o ensino de Libras. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU)**, 5., 2018. Campina Grande. Anais [...] Campina Grande: Realize Editora, 2018.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. São Paulo: Vozes, 11. Ed., 1994.

LIMA, Erivaldo Lobato de. **Memória visual de um surdo: narrativas e experiências da vida familiar e escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Abaetetuba, 2015.

QUADROS, Ronice Müller de; NEVES, Bruna Camargo; SCHMITT, Deonísio; LOHN, Juliana Terres; LUCHI, Marcos. **Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, p. 10-16, Ano XII, mar./abr. 2009.

SCARANTINO, Andrea. Como fazer coisas com expressões emocionais: Am teoria da pragmática afetiva. **Psychological Inquiry** , v. 28, n. 2-3, p. 165-185, 2017.

SOUZA, Ana Claudia Medeiros de; SANTOS, Raquel do Rosário; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Os valores pragmático, afetivo e simbólico no processo de mediação consciente da informação. **Informação & Informação**, 2021.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade no Ensino Médio: a relação professor-aluno**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.